

G. H. e o infamiliar: uma experiência de vertigem

G. H. and the unfamiliar: an experience of vertigo

G. H. y lo siniestro: una experiencia de vértigo

G. H. et l'inquiétante étrangeté: une expérience vertigineuse

PRISCILA DOS SANTOS PEREIRA CARDOSO

BRENO FERREIRA PENA

Este trabalho analisa o fenômeno do infamiliar a partir de Freud e Lacan pela via do percurso da voz narrativa da protagonista no romance *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector. O fenômeno do infamiliar indica algo importante para a experiência psicanalítica e, considerando o campo estético, apreende, pela via do discurso narrativo na escrita literária, o que se apresenta nele como efeito de uma manifestação psíquica e o que transcende tal ponto, ampliando o leque das possibilidades de investigação e transmissão da psicanálise. Dessa forma, com a leitura-escuta da narrativa da personagem G. H., consideramos que o fenômeno do infamiliar aparece em diversos fragmentos, revelando a presença do retorno do recaiado com Freud e o encontro com o Real a partir de Lacan, em que a barata se destaca como objeto central para a emergência de tais acontecimentos.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Infamiliar. A paixão segundo G. H.

Introdução

O diálogo entre literatura e psicanálise acontece como um entrelaçamento que reverbera em criação. No entrelaçamento, o ponto de interesse é o efeito como causa a partir de uma experiência singular com um escrito. Foi nessa direção que Sigmund Freud, o inventor da psicanálise, atribuiu destaque a essa interlocução, ressaltando a importância da arte, da poesia e da literatura para o avanço da psicanálise. Jacques Lacan, assim como Freud, se deixou afetar pela arte e pela criação literária, situando reverberações importantes para a psicanálise.

Tendo em vista o que evidenciam Freud e Lacan sobre a interlocução entre literatura e psicanálise, enfatizamos que muito do que é possível apreender sobre o inconsciente e sobre o Real pode ser vislumbrado pela via do encontro entre literatura e psicanálise. A subjetividade do leitor se encontra com a obra mediante a leitura. Isso se dá por causa da singularidade da obra, do autor e do leitor, que precisa ser considerada quando debatida (TROCOLI, 2015).

No caminho do diálogo entre literatura e psicanálise, destacamos a discussão proposta por Freud acerca da estética do inconsciente. Nessa perspectiva, ao apontarmos a essencialidade da experiência humana para a psicanálise, destacamos a problematização feita por Freud (1919/2019) no ensaio *O infamiliar*. De acordo com ele, o infamiliar é aquela coisa assustadora que remonta ao que há muito é conhecido, ao familiar. Com base na sua investigação sobre as mais diversas formas de expressão da experiência do encontro com o infamiliar, Freud ressalta a indissociabilidade, em algum ponto, entre tal experiência e a emergência da angústia, afeto que abala e faz o corpo agonizar, por ser da ordem do inominável, escapando à simbolização causada pelo retorno do recaiado.

Com Lacan (1962-1963/2005), no *Seminário 10: A angústia*, buscamos apreender o que estaria no cerne da emergência da angústia e sua relação com o infamiliar. Entre essas vias, o autor lança mão do ensaio *O infamiliar*, de Freud (1919/2019), enfatizando sua essencialidade para tal investigação. Buscando definir o que seria o fenômeno do infamiliar, Lacan descreve que o *Unheimlich* pode ser problematizado em relação ao surgimento da angústia. Nessa perspectiva, a emergência da angústia, que irrompe com o aparecimento da infamiliaridade, surge quando a falta vem a faltar num instante, como um acontecimento que foge a qualquer tentativa de controle ou defesa psíquica. Em outras palavras, a angústia está ligada a algo que aparece onde nada deveria aparecer, uma angústia de aparição, pois há desorientação do sujeito em relação à função estruturante

do vazio em questão (SOLER, 2012). E o que seria esse algo que aparece no lugar da falta da falta? A resposta é o objeto *a*, aquele que evidencia o Real, fazendo o sujeito perder sua autonomia diante da interpelação do desejo do Outro.

Diante disso, destacamos a escolha do romance *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector (1964/2009), situando-o como um escrito que nos convoca ao trabalho e ao movimento de criação. Nessa direção, em transferência com a temática do infamiliar e a obra clariceana, procuramos apreender o que há por detrás da palavra. Debruçar-se sobre o entrelaçamento da voz narrativa de G. H. e a temática psicanalítica do infamiliar é lançar-se no campo de uma fala e suas entrelinhas; portanto, apreendendo que da relação entre a literatura e a psicanálise existe um enigma que anuncia o Real (PEREIRA, 2008).

Em vista disso, apresentamos nas seções subsequentes o método leitura-escuta; a discussão acerca da relação entre literatura, psicanálise e transmissão; o *infamiliar* com Freud e Lacan; uma breve apresentação sobre vertigem, desamparo e perturbação e, para concluir, como o infamiliar aparece na experiência narrada pela personagem G. H. na obra *A paixão segundo G. H.*

A leitura-escuta entre literatura e psicanálise

A fim de nos acompanhar metodologicamente, é importante que o leitor compreenda que, no desenvolvimento deste estudo, trabalhamos no caminho da pesquisa teórica em psicanálise, de cunho bibliográfico. Mezan (2002) descreve que a pesquisa teórica em psicanálise tem como intuito especificamente questões metapsicológicas, ou seja, prima pela articulação interna das noções da psicanálise acerca de seu objeto. De certa forma, isso sustenta o que Freud (1923/1996) indicou ao ressaltar que a psicanálise pode ser um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto.

Sobre realização de uma pesquisa teórica em psicanálise, Iribarry (2003) nos chama a atenção para o fato de que, mesmo numa pesquisa desse cunho, existe transferência – ou seja, a forma como a leitura sobre determinado tema toca o pesquisador o fará avançar na investigação, debruçando-se sobre um arcabouço teórico. Dessa forma, ocorre um desenvolvimento teórico e prático atravessado pelas experiências do pesquisador que derivam de sua condição enquanto analista e/ou analisante. Assim, estão indissociáveis de sua posição de sujeito do desejo que o faz avançar, seja em sua análise pessoal, seja em sua função de analista, seja como pesquisador em psicanálise.

Para a realização deste estudo, utilizamos ferramentas específicas tanto a coleta e análise dos dados quanto para a discussão e a apresentação dos resultados. Direcionada por Iribarry (2003), nossa investigação partiu da leitura-escuta para a coleta de dados, da leitura dirigida pela escuta como procedimento de análise dos dados e da transformação dos dados encontrados e analisados em texto, chamado de ensaio metapsicológico para a discussão e apresentação dos resultados.

A coleta de dados ocorreu com base na leitura-escuta da obra literária *A paixão segundo G. H.*, uma leitura guiada pela escuta e pela atenção flutuante, destacando os fragmentos que indicam a temática estudada, isto é, o infamiliar. Sobre a ferramenta da leitura-escuta, segundo Souza (1998) citado por Iribarry (2003, p. 127), “o saber ler é necessário sob vários pontos de vista para a escuta. [...] pois se, por um lado, a escuta pode situar-se num material sonoro, a leitura, diferentemente, dá-se a partir de um texto, de uma escrita, de uma escritura. [...] ou seja, aquilo que desvela a própria enunciação”.

Valendo-se da leitura-escuta como ferramenta para a coleta de dados, o estudo avançou a partir da leitura guiada pela escuta ou atenção flutuante do fenômeno do infamiliar em Freud e Lacan pela via da voz narrativa da personagem G. H. na obra literária *A paixão segundo G. H.* (LISPECTOR, 1964/2009).

No momento da análise dos dados, as impressões transferenciais nos moveram, como pesquisadores, para a obra analisada. Assim, pudemos estabelecer o que Fédida (1992) chama de uma teoria em germen, uma construção de natureza ficcional, que tem o ensaio metapsicológico como objetivo final. Desse modo, chegamos à análise dos dados mediante a leitura dirigida pela escuta e pela transferência instrumentalizada dos dados coletados a partir da leitura-escuta do fenômeno do infamiliar em Freud, em Lacan e em comentadores (da psicanálise e da literatura) no romance *A paixão segundo G. H.*, inclusive suas implicações subjetivas, a fim de posteriormente compor o ensaio metapsicológico que aqui apresentamos.

Literatura, psicanálise e transmissão

No entrelaçamento das experiências dos campos literário e psicanalítico, temos como reverberação a linguagem, a escrita, a estética, a relação com o inconsciente e o Real. Desde seu escrito *Trecho do manuscrito N*, anexo à carta a *Fliess*, Freud (1897/2017) se questiona quanto à criação artística, literária e poética. E ressalta o modo como o sujeito representa para si mesmo sua história e a história de suas origens,

perpassando pela escrita criativa e singular. Desde então, continuando com suas indagações e investigações quanto às manifestações do inconsciente, Freud se serviu da literatura para sua experiência investigativa e de transmissão, aproximando literatura e psicanálise como campos em constante processo de criação.

Freud apreciava o campo das artes, tanto é que envolveu a pintura, a escultura e a escrita literária e a poética em seu arcabouço teórico. No que tange à criação literária, no ensaio *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen*, Freud (1907/2015) apresenta a interpretação de sonhos criados por um escritor em um texto literário e suas reverberações para a psicanálise. Com ênfase no campo das artes e da literatura, notamos que, no texto *O poeta e o fantasiar*, Freud (1908/2015) se posiciona diante do saber dos poetas como um leigo e a eles se refere como detentores de uma personalidade extraordinária. Além disso, expõe que muito gostaria de saber de onde extraíam seus temas, a fim de conseguir “comover tanto, despertar-nos emoções [*Erregungen*], que talvez julgássemos jamais fôssemos capazes de sentir” (FREUD, 1908/2015, p. 34).

Dessa reverberação, temos o que ecoa da relação entre escrita textual e inscrição psíquica, para desbravar elaborações sobre o inconsciente e o Real na interlocução com a literatura. Entre os trabalhos citados e outros que fazem parte de um conjunto apresentado, destacamos o ensaio *Das Unheimliche* (FREUD, 1919/2019), que retrata o paradigma estético do inconsciente, um texto em que o autor enfatiza a força da criação literária. Nessa perspectiva, Pontalis e Mango (2014, p. 85) arriscam pontuar que com Freud “o estranho inquietante parece surgir da própria intimidade de sua escrita com a literatura: a *Dichtung* torna-se aqui a coisa *unheimlich* por excelência”. Diante da importância que Freud atribui à literatura e sua aproximação com tal campo, podemos dizer que essa é uma via pela qual ele avança na invenção da psicanálise e na sua experiência de escuta.

Lacan, como um bom freudiano, também se deixa afetar pela literatura reiterando sua importância para a psicanálise. No capítulo VII *Lição sobre lituraterre*, do *Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante*, Lacan (1971/2009) discorre sobre o trançamento entre a literatura e a psicanálise, indicando os deslocamentos literários e sua força. O que chama de “a letra e sua relação com o objeto *a*”, enfatizando que nessa relação o que se destaca é o “que digo ser efeito de linguagem” (LACAN, 1971/2009 p. 110). Assim, o inconsciente estaria estruturado como uma linguagem poética, refletindo o Real do indizível.

Sobre as reverberações da literatura na psicanálise, cabe ressaltar o que Llansol (2011, p. 13) nos diz que “não há literatura, pois quando se escreve só importa saber em que real se entra e se há técnica para abrir caminho a outros”, seguindo, assim, no rastro do que o texto tem a dizer pela influência que a escrita alcança, o que “o grão da voz” (BARTHES, 2015, p. 77) pode significar como coisa literária e suas reverberações. Portanto, a questão que se coloca é “como transmitir a experiência de algo que é, em sua natureza, intransmissível?” (CARREIRA, 2014, p. 42).

Nos caminhos que o trançamento entre literatura e psicanálise nos leva, avistamos o horizonte para essa transmissão, seguindo com a leitura-escuta do que o texto tem a nos dizer pelo percurso da voz narrativa de G. H. sobre o fenômeno do infamiliar, caminhando com os apontamentos de Freud e Lacan.

O infamiliar com Freud e Lacan

Nesta seção, situaremos o que Freud e Lacan abordam acerca da temática psicanalítica do infamiliar: Freud considera o infamiliar como um sentimento, e Lacan, como uma experiência radical.

Das Unheimliche [*O infamiliar*] é o texto publicado por Freud em 1919. Nesse ensaio, o autor aborda pontos importantes, que são caros à nossa leitura-escuta do romance *A paixão segundo G. H.* Considerando o questionamento que Freud faz em sua investigação – o que há de comum nos casos – e diante da pluralidade da emergência do sentimento de infamiliaridade, destacamos alguns pontos: o tema da estética e o sublime, a linguagem, o retorno do recaiado e a criação literária.

Freud (1919/2019, p. 29) descreve o tema da estética “[...] como a doutrina das qualidades do nosso sentir [...]”, enfatizando os sentimentos ditos negativos e trazendo à tona a questão do sublime para além do belo. Nessa perspectiva, temos a experiência que desperta no corpo a sensação de horror, de angústia e de estranhamento. Portanto, Freud trabalha simultaneamente o infamiliar e o sublime como aqueles que se referem aos ditos sentimentos negativos no sentido psicanalítico, situando-os aqui para além do belo e evocando a aproximação entre o sujeito, o sublime e o terror.

Seguindo com os pontos importantes, destacamos a linguagem, trabalho que envolve o desenvolvimento da palavra “*unheimliche*” linguisticamente. Trata-se do que apresenta a convergência ao núcleo comum na palavra-conceito quando Freud (1919/2019, p. 58-59) ressalta: “Em suma, familiar [*heimlich*] é uma palavra cujo

significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [*unheimlich*]. Infamiliar é, de certa forma, um tipo de familiar”.

No ensaio de Freud, há uma questão que se mantém até o final: o retorno do recaiado. Na maioria dos casos em que Freud analisa a experiência com o sentimento de infamiliaridade, trata-se não de mera oposição, mas de uma ambivalência em que ocorre uma passagem, uma transformação defendida por ele e subsidiada pelo que define Schelling (1968, p. 45) como “o que deveria permanecer oculto, mas veio à tona”. Há uma ambivalência que não é necessariamente oposta, mas que se une em nome de representar a mesma coisa: o retorno do recaiado. Portanto, para Freud ([1919] 2019), o infamiliar é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que há muito é conhecido, ao que é familiar.

Nessa perspectiva, Freud (1919/2019) afirma que uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido recaiados revivem uma vez mais por meio de alguma impressão ou quando aparecem outra vez as crenças primitivas que haviam sido superadas. Dessa forma, o prefixo de negação in- [*Un-*] no infamiliar [*Unheimlich*] é a marca do recaiamento. Pontalis e Mango (2014, p. 87) afirmam: “Para explicar o surgimento do inquietante, descartando o simples medo do novo invocado pela psicologia clássica, Freud descobre, na própria origem da desorientação angustiante, o retorno do sexual recaiado”.

A criação literária e sua relação com a infamiliaridade é ponto que ganha destaque com Freud (1919/2019, p. 107): “o infamiliar da ficção – da fantasia, da criação literária – merece, de fato, uma consideração à parte. Ele é, sobretudo, muito mais rico que o infamiliar das vivências”. O autor argumenta que, na emergência do infamiliar, pela via da ficção (fantasia, da criação literária), não há conteúdo referente ao vivido. “[...] na criação literária não é infamiliar muito daquilo que o seria se ocorresse na vida e que na criação literária existem muitas possibilidades de atingir efeitos do infamiliar que não se aplicam à vida” (FREUD, 1919/2019, p. 107). Nesse ponto, evidencia certo destaque para a autonomia da ficção em relação às vivências, ressaltando aqui uma criação/realidade poética em detrimento da realidade psíquica (fantasia) e da realidade material.

Pensando no que converge quanto aos pontos destacados por Freud, situamos que o infamiliar é o que aterroriza e atordoa. Sendo assim, devido à ênfase dada à criação literária, é que o autor escolhe tratar do tema do infamiliar por meio da análise de fragmentos do conto *O homem da areia*, de E.T.A. Hoffman, apresentando como

resultado de sua investigação que o infamiliar é, ao mesmo tempo, aterrorizante e muito íntimo. Sobre o conto, Freud ressalta que há diversas passagens em que é possível identificar o efeito do infamiliar, porém há um tema central que retorna em passagens decisivas: “o tema do homem da areia, aquele que arranca os olhos das crianças” (FREUD, 1919/2019, p. 51), com referência ao retorno do recaiado e ao complexo de castração revividos por Nathaniel. “O estudante Nathaniel, sobre cujas lembranças de infância o conto fantástico se ergue, apesar de sua felicidade no presente, não pode esquecer suas lembranças, que se ligam, nele, à terrível e misteriosa morte de seu amado pai” (FREUD, 1919/2019, p. 61).

Na sequência, ressaltaremos o que Lacan versa sobre o infamiliar. Para isso, destacamos que é pela via da releitura do ensaio de Freud *O infamiliar* (1919/2019) que Lacan (1962-1963/2005, p. 51) nos convoca a explorar a temática da angústia no *Seminário 10: a angústia*, e a relação com a experiência do infamiliar: “Assim como abordei o inconsciente através do *Witz*, este ano abordarei a angústia pela *Unheimlichkeit*”. Suas articulações nesse seminário revelam a relação, em alguma medida, indissociável entre a angústia, o objeto *a* e o infamiliar. Nesse contexto, Lacan retoma o texto freudiano e ratifica as relações do estranho com o retorno do recaiado e, por meio do objeto *a*, como um objeto puramente Real, propõe também a presença de um infamiliar mais radical.

No que tange à infamiliaridade radical mostrada por Lacan, temos a experiência de um encontro abrupto e inesperado com o desejo do Outro e o consequente aparecimento repentino do objeto *a*, com o qual, por um instante, o sujeito se identifica como puro objeto. Assim, nesse momento, há o estilhaçamento de tudo que poderia especularmente sustentar o sujeito.

O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro para além da imagem de que somos feitos.

Esse lugar representa a ausência em que estamos. Supondo-se, o que acontece, que ele se revela tal como é – ou seja, que revele ser a presença em outro lugar que produz esse lugar como ausência –, ele se torna o rei do jogo, apodera-se da imagem que o sustenta, e a imagem especular transforma-se na imagem do duplo, com o que se traz de estranheza radical [...] ele nos faz parecer como objeto, por nos revelar a não autonomia do sujeito (LACAN, 1962-1963/2005, p. 58).

Rabinovich (2005, p. 93) explica: “O momento do estranho, é então, aquele em que o sujeito se experimenta em sua não autonomia, como assinala Lacan, como puro objeto. Seu corpo já não é ali imagem especular ou nada que se lhe assemelhe”. Considerando que o objeto *a* é algo íntimo que constitui o sujeito, enquanto desejante, além de algo estranho e infamiliar por ser Real e inapreensível, seu efeito quando o sujeito se identifica com ele é gerar vertigem e atordoamento. O infamiliar, então, está relacionado de forma imperiosa com o desejo do Outro, que gera a angústia e pode desvelar a presença do objeto *a* na cena, enquanto causa do desejo desse Outro, objeto com o qual o sujeito se identifica: “É o ponto no qual me apreendo como objeto causa de desejo do Outro, em presença do desejo do Outro. É o instante em que realmente me sinto esse objeto e sua tradução é a angústia” (RABINOVICH, 2005, p. 99). Portanto, para Lacan (1962-1963/2005), esse momento de angústia ocorre quando a falta vem a faltar pela presença incômoda do objeto *a*, que pode gerar uma estranheza radical quando e em alguma contingência da vida, o sujeito, é surpreendido por um objeto e, por um instante, se identifica com ele, apagando sua divisão e suas referências especulares. Portanto, a experiência com o infamiliar radical se daria por um encontro súbito e inesperado, que tem como consequência a pulverização de tudo que poderia especularmente sustentar o sujeito na cena, colocando-o na pura angústia, que se traduz em vertigem e atordoamento: “Quando, de repente, nessa visão eu mesmo apareço como objeto, nesse instante, quando o Outro ao invés de entrar em *fading* continua aí presente, é quando o sujeito está à mercê do desejo do Outro, sendo este o ponto de máxima da angústia” (RABINOVICH, 2005, p. 99).

Diante do exposto, podemos questionar por que a experiência com o infamiliar pode ser vertiginosa e perturbadora seja pelo retorno do recalado, seja mais radicalmente quando, frente ao desejo do Outro, o sujeito se identifica com o objeto *a*, momento em que ele experimenta uma angústia avassaladora. Nessa perspectiva, na seção seguinte, situaremos, de forma breve, o conceito e a experiência imbricados na vertigem.

Vertigem, desamparo e perturbação: do conceito à experiência

Nomear uma experiência como vertiginosa – que causa vertigem e intensa perturbação – nos convoca a apreender o que a palavra “vertigem” tem a nos dizer. Pensando nisso, trouxemos o significado da palavra. É importante salientar que não temos como intenção fechar um único sentido, por isso buscamos uma aproximação do enlace

que essa palavra apresenta em relação à experiência. De acordo com Houaiss (2015, p. 966), vertigem é “sensação de que o corpo ou as coisas ao seu entorno giram; tonteira, tontura; qualquer sensação de desmaio ou fraqueza; perda momentânea do autocontrole; loucura”. Essa descrição nos mostra a possibilidade de várias leituras, a depender do efeito que a vertigem causa no sujeito diante de determinada experiência. Desse modo, ressaltamos que a escolha da palavra significante “vertigem” para compor a temática deste estudo se entrelaça à experiência de G. H. com o infamiliar, comparecendo no que tanto Freud quanto Lacan revelam acerca da temática psicanalítica.

Segundo Pereira (2008, p. 60), é possível reconhecer como vertigem as alterações que se apresentam como efeito da perturbação do instinto de conservação, ou seja, “o ser se encontra arrastado para sua perda, não tem como resistir, só pode seguir a concordância escrava do sonâmbulo, de cuja participação e a vontade e a possibilidade de escolha se ausentam”.

Com Freud, no que tange ao retorno do recaiado e ao complexo de castração, vislumbramos a experiência vertiginosa com o sentimento de infamiliaridade. Porém, como ele salienta, nem tudo que retorna causa infamiliaridade. No entanto, quando o que retorna de conteúdo recaiado coloca o sujeito em contato com aquilo que o assusta e o atordoa, estamos diante do fenômeno do infamiliar. Na direção do que causa no sujeito o desmaio e a perda momentânea do autocontrole, estamos diante do que Lacan descreve como infamiliar radical, comparecendo na experiência do encontro com o Real não simbolizável e perturbador, emergindo de súbito.

A paixão segundo G. H. e a virada na literatura lispectoriana

Para possibilitar a leitura-escuta do fenômeno do infamiliar em Freud e Lacan pela via do romance *A paixão segundo G. H.*, apresentamos a obra em questão. O livro foi alvo de muitas críticas à época de sua publicação, pois críticos da literatura e de outros campos não reconheciam a obra, considerada um romance, como um gênero literário digno de destaque, colocando-a à margem dos escritos reconhecidos pela literatura. Porém, foi com a publicação do livro *A paixão segundo G. H.* (1964/2009) que a escritora criou um lugar para se alojar na literatura, convocando tanto os críticos literários quanto os psicanalistas ao trabalho já que as possibilidades de entrelaçamento e transmissão estavam no limiar entre esses dois campos discursivos.

Lispector (1964/2009) apresenta a experiência da personagem principal G. H. após a demissão de sua empregada doméstica. Com a saída da doméstica de seu apartamento, G. H. está sozinha quando decide arrumar a casa, começando pelo quarto da empregada, onde não entrava havia algum tempo. No entanto, algo inusitado acontece: acreditando que o cômodo estivesse desarrumado e sujo, G. H. é surpreendida por um cenário diferente do imaginado.

A obra em questão apresenta um conteúdo que, a princípio, parece ser apenas a narrativa de um romance que aborda o dia a dia de uma mulher bem-sucedida, solteira e sem filhos, mas que nos convida a ir do habitual a uma passagem em que a personagem principal se vê despersonificada com a experiência vertiginosa ao se deparar com o inesperado.

Ao avançar na leitura, encontramos uma narrativa em primeira pessoa, e G. H. em absoluto estado de concentração e dilatação interior. Trata-se de um percurso narrativo que segue para uma experiência de choque, para uma vivência limite centrada no encontro de G. H. com a barata, reverberando em intenso processo de desautomação, introspecção e travessia.

A escrita nesse romance se manifesta como uma linguagem que transborda, excede, corta e irrompe o silêncio. Nesse processo, Clarice realiza o que para muitos será o seu maior empreendimento literário. Para Branco (1989), a escrita de Clarice, pela via de sua linguagem feminina, direciona não para o aquém de seu discurso, mas para o seu além. Assim, no lugar da impossibilidade da escrita, se dá a escrita de uma impossibilidade, ou seja, a prática do que não se verbaliza, do que não se pensa: escrita do indizível e do impossível, voz delirante que se lança no vazio da página. De acordo com Gotlib (2013, p. 448), o “repertório de imagens do romance atende a essa dupla configuração: traduzir o que é e o que não é. Partindo do sentido preconcebido e estereotipado, passa para a sua desmontagem ou desconstrução”.

Diante disso, o que ouvimos não se trata do habitual, mas de uma “experiência do demoníaco” (CARREIRA, 2014, p. 101), que envolve o fenômeno do infamiliar e o encontro com o inominável, fora da possibilidade de organização simbólica. Assim, está às voltas com o Real. É o que o escrito parece nos mostrar, logo de saída, quando G. H. nos relata: “Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda.

[...] Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas a minha montagem humana” (LISPECTOR, 1964/2009, p. 11). Além disso, diz: “O que vi não é organizável” (p. 67).¹

Seguimos com as reverberações dos fragmentos da narrativa de G. H. na tentativa de apreender seu encontro com a experiência do infamiliar, discutindo acerca da experiência de vertigem contida na obra clariceana.

Fragmentos de uma experiência de vertigem

Considerando uma investigação em que dialogam dois campos – literatura e psicanálise – nos deixamos atravessar pela textualidade contida na escrita literária e o efeito desse processo para podermos tirar proveito dessa interlocução. Escolhemos “tentar ouvir o texto” (BLANCHOT, 2011, p. 31) de modo a situar o que emerge entre o ato poético – ao qual a textualidade nos convoca – e o ato analítico como uma aposta na direção de que algo ocorra, caminho pelo qual trilhamos com G. H., Freud e Lacan para pensar a experiência com o infamiliar.

Como efeito desse atravessamento e escuta da enunciação na narrativa de G.H., situamos o que Lacan (1962-1963/2005) nos indica como o encontro traumático com o Real, e essa é uma experiência de arrebatamento pela emergência do infamiliar radical. O que ocorre, portanto, é um encontro súbito com o Real, que tem como consequência o apagamento do sujeito que se identifica com o objeto *a* na posição de causa de desejo do Outro. Então, como puro objeto sem possibilidade de simbolização e representação, ao fim, o sujeito é lançado à perturbadora falta de sentido: “O lugar da angústia como traumática é o lugar onde surge o desejo do Outro e, na medida em que sou objeto causa desse desejo, encontro-me à sua mercê” (RABINOVICH, 2005, p. 88).

No *Seminário 10: a angústia*, Lacan (1962-1963/2005) apresenta sua investigação e análise sobre a emergência da angústia imbricada com a experiência do infamiliar, ressaltando “que a definição do *unheimlich* é ser *heimlich*. É o que está no lugar do *Heim* que é *Unheim*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 57), o infamiliar não como oposto do familiar, mas aquele que surge do que é familiar.

Seguindo com G. H., na direção do que diz Lacan, a narradora-personagem se planeja para arrumar o seu apartamento, começando pelo quarto da empregada doméstica que fora demitida, colocando-se em um lugar de conforto ao relatar que “arrumar era a

¹ A partir deste ponto, nas citações retiradas de Lispector (1964/2009) constará somente a página.

sua vocação. Arrumar é achar forma” (p. 32), construindo imaginariamente a ideia de que encontraria o quarto sujo, bagunçado e sem “vida”: “o quarto da empregada devia estar imundo, na sua dupla função de dormida e depósito de trapos, malas velhas e barbantes inúteis. Eu o deixaria limpo e pronto para a nova empregada” (p. 33).

G. H. se dirige ao final do apartamento onde está localizado o quarto da empregada. “Abri a porta para o amontoado de jornais e para as escuridões da sujeira e dos guardados” (p. 36). Porém é surpreendida, pois não era exatamente esse o cenário encontrado pela personagem. G. H. vê uma cena completamente oposta ao imaginado, visualizando um “quarto que era um quadrilátero de branca luz: meus olhos se protegeram franzindo-se. [...] E meu espanto vinha de deparar com um quarto inteiramente limpo” (p. 36).

Diante da cena perturbadora do quarto limpo, o que não esperava encontrar, G. H. fica desorientada. “O quarto divergia tanto do resto do apartamento que para entrar nele era como se eu antes tivesse saído de minha casa e batido a porta. [...] O quarto era o retrato de um estômago vazio (p. 41).

Já dentro do quarto, G. H. procura realizar, sem sucesso, algo próximo do que havia idealizado sobre aquele espaço: limpar a sujeira e arrumar a bagunça. É nesse momento que narra sua decisão de se voltar para o guarda-roupa, na tentativa de se reorganizar diante do que a deixara desorientada. A partir daí, descreve o início de sua experiência em seu ponto máximo de angústia: “Abri um pouco a porta estreita do guarda-roupa, e o escuro de dentro escapou-se como um bafo” (p. 45). Apesar de seu esforço nada avistar, decide pôr pela fresta do móvel o máximo que cabe de seu rosto, mas era impedida, pois a porta do guarda-roupa esbarrava na cama. Ao continuar tentando avistar o que havia dentro do guarda-roupa, G. H. empurra a cama para perto da janela, conseguindo abrir alguns centímetros a mais e é aí que ao avistar algo “antes de entender, meu coração embranqueceu como cabelos embranquecem (p. 45).

Essa experiência que se apresenta na direção do não organizável, do sem sentido e do indizível, que fazem embranquecer o coração de G. H., a narradora segue dizendo: “Aquele quarto que estava deserto e por isso primariamente vivo. Eu chegara ao nada, e o nada era vivo e úmido” (p. 59).

Com esse acontecimento, ocorre algo além de uma mera percepção e sensação, que tem relação com o que “intensifica, condensa, reduz, amplia, inverte, e, graças a esse processo de estranhamento a desautomação, o cotidiano se torna ‘não familiar’”

(PORTUGAL, 2006, p. 21). Desse modo, se apresenta o infamiliar mais radical para G. H.: “De encontro ao rosto que eu pusera dentro da abertura, bem próximo de meus olhos, na meia escuridão, movera-se a barata grossa. Meu grito foi tão abafado que só pelo silêncio contrastante percebi que não havia gritado. O grito ficara me batendo dentro do peito” (p. 46).

Um acontecimento inesperado, inusitado, o encontro com a barata estilhou a organização, o simbólico e o imaginário de G. H. Ela descreve esse momento como um desmaio, uma vertigem. Assim, é possível inferir que ela está diante do desejo de um Outro Real, que lhe interroga e a petrifica, “*che vuoi?*”, representado pela aparição da barata, que aterroriza G. H. Nesse momento, há um apagamento do sujeito. G. H. se torna o puro objeto *a*, com o qual se identifica perdendo a possibilidade de qualquer relação com a imagem de si mesma e experiencia o infamiliar e a angústia mais básica.

É o que acontece no fenômeno do *unheimlich*. A cada vez que, subitamente, por algum incidente fomentado pelo Outro, sua imagem no Outro aparece para o sujeito como privada de seu olhar, toda a trama da cadeira da qual o sujeito é cativo na pulsão escópica se desfaz, e é o retorno à angústia mais básica (LACAN, 1962-1963/2005, p. 69).

Lacan (1962-1963/2005) acomoda sua invenção, o objeto *a*, como um resto, mas não um resto qualquer, pois dá a ele o *status* de objeto irrepresentável que cai da entrada do sujeito na linguagem. Dessa forma, o localiza como o que há não só de mais íntimo no sujeito, mas também o mais estranho, pois é, ao mesmo tempo, um resto que constitui o sujeito do desejo e o objeto que, ao ocupar o lugar da falta, pode desorientar e atordoar, despindo o sujeito de encontrar saída imaginária e simbólica, reduzindo-o ao nada. G. H. assim se expressa: “A hora de viver é tão infernalmente inexpressiva que é o nada. Aquilo que eu chamava de “nada” era, no entanto, tão colado a mim que me era... eu?” (p. 78).

De acordo com o que Lacan ensina em *Lição sobre lituraterra*, é possível pela via da metáfora, da metonímia e pela linguagem da escrita, ter como reverberação o que “convoca o litoral ao literal” (LACAN, 1971/2009, p. 110). Ora, se o litoral é o que está “à beira”, o literal é o que dele se funda. Escreve Lacan (1971/2009, p. 113): “*Litura, lituraterra*. Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra. *Litura pura* é o literal. Produzir essa rasura é reproduzir a metade com que o sujeito subsiste”. Parece ser desse ponto em que G. H. nos convoca a ouvir sua experiência com o não sentido, pelo efeito disso em sua existência quando descreve: “Eu vi. Sei que vi porque

não dei ao que vi o meu sentido. Sei que vi – porque não entendo. Sei que vi – porque para nada serve o que vi [...] O que vi arrebenta a minha vida diária” (p. 15).

Assim, apreendemos que Lacan avança em sua investigação por formular o conceito de objeto *a* em relação à emergência da angústia e ao fenômeno do infamiliar, considerando-o como uma experiência de horror que se dá por um instante, do encontro com o inusitado, o inesperado e o vertiginoso, irrompendo o Real. Com a ajuda de G. H., acreditamos que o encontro da personagem com a barata provoca nela a irrupção do Real, transformando-a num nada – ou seja, ela se identifica com o objeto *a*, causa de desejo do Outro. G. H. se apaga enquanto sujeito e impossibilita qualquer saída naquele momento, na direção de uma simbolização, fazendo emergir a infamiliaridade radical situada por Lacan.

Com Freud, apreendemos que o autor se debruça numa minuciosa pesquisa acerca do fenômeno do infamiliar, destacando que há algo que o intriga, levando-o a se questionar “Como é possível, sob quais condições, o que é íntimo se tornar infamiliar, aterrorizante [...]” (FREUD, 1919/2019, p. 33). É nesse sentido que G. H. em sua experiência se questiona e nos põe a trabalhar: “O viver que eu havia domesticado para torná-lo familiar” (p. 16), evocando o que Freud encontra quando investiga no desenvolvimento da palavra “*Unheimlich*” em diversas línguas e concluindo: “Em suma, familiar [*heimlich*] é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [*unheimlich*], infamiliar é de certa forma, um tipo de familiar” (FREUD, 1919/2019, p. 49). Portanto, para Freud, em diversas situações o infamiliar que se apresenta no tempo atual deriva de algum conteúdo que havia sido familiar, mas que se encontrava recalcado, o que G. H. parece demonstrar ao narrar: “A vida se vingava de mim, e a vingança consistia apenas em voltar, nada mais. Todo caso de loucura é que alguma coisa voltou. Os possessos, eles não são possuídos pelo que vem, mas pelo que volta” (p. 69).

Acompanhando G. H. em sua narrativa e o destaque de Freud sobre a relação do sentimento de infamiliaridade e o retorno do recalcado, sabemos que efeitos diversos emergem e que nem todo conteúdo que retorna causa infamiliaridade. Porém, o que parece ocorrer com G. H. é que, após o encontro com a barata, vem à tona algo que deveria permanecer oculto fazendo emergir, assim, a angústia e a sensação de infamiliaridade quando a própria narradora-protagonista revela em sua fala:

Olhei o quarto com desconfiança. Havia a barata, então. Ou baratas. Onde? [...] Camadas de baratas – que de súbito me lembravam o que em criança eu havia descoberto uma vez ao levantar o colchão sobre o qual dormia: o negror de centenas e centenas de percevejos, conglomerados uns sobre os outros. A lembrança de minha pobreza em criança, com percevejos, goteiras, baratas e ratos, era de como um meu passado pré-histórico, eu já havia vivido com os primeiros bichos da Terra (p. 47).

Sobre o retorno do recalçado, Trocoli (2015, p. 56) analisa: “Em Clarice, ao estranho segue o abalo, ou seja, as palavras de G. H. agonizam, hesitam, angustiam-se diante do *Unheimlich*” quando em contínua e, ao mesmo tempo, descontinuada narrativa segue dizendo após o encontro com a barata: “enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama [...] Lama ainda úmida e ainda viva, era uma lama onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes de minha identidade” (p. 56). Seguindo sua narrativa após o encontro vertiginoso com a barata e vivenciando a experiência com o horror do retorno do recalçado, G. H. descreve que, ao retornar do momento vertiginoso, ficou por um tempo com os olhos fechados esperando que a estranheza passasse e, assim, pudesse fazer algo com a tensão ali vivida.

Na tentativa de retomar sua constituição imaginária de antes da experiência com o inusitado, em que G. H. perde seu *status* de autonomia e identidade diz: “‘Ah, quero voltar para a minha casa’, pedi-me de súbito, pois a lua úmida me dera saudade de minha vida” (p. 107). Sobre o contato com o que retornara, relata: “Sentei-me de novo na cama. Mas agora, olhando a barata, eu já sabia de muito mais [...] Que a barata é comível como uma lagosta, a barata era um crustáceo” (p. 112-113).

Na intenção de escapar a tamanha invasão pelo que retorna a partir do encontro com a barata, remetendo-a ao mais primitivo de sua origem, G. H. inicia processo em que tenta elaborar, simbolizar o que causa tamanho desprazer e diz “O inferno é a boca que morde e come a carne viva que tem sangue, e quem é comido uiva com o regozijo no olho [...]” (p. 120). Nesse momento, G. H. pensa e toma uma decisão: matar e comer a barata, pois para ela “A tentação é comer direto na fonte” (p. 129). E para atravessar a sensação de morte causada pela identificação com o nada frente à barata, objeto que conduz ao Real, se dirige ao encontro da barata e, coberta de suor, diz: “Aquele suor profundo era, no entanto, o que me vivificava, eu estava nadando lenta no meu mais antigo caldo de

cultura, o suor era *planctum* e *pneuma* e *pabulum vitae*, eu estava sendo, eu estava me sendo (p. 164).

Apostando na ideia de que “há um saber que não se sabe, um saber inconsciente, ‘exposto em ato no texto’ da literatura e da psicanálise” é que situamos a narrativa de G. H. como um ato poético que nos direciona para uma passagem, uma transformação após a invasão inesperada do que retorna. Portanto, para G. H., “comer a barata [...] minha raiz, que só agora eu experimentava, tinha gosto de batata-tubérculo, misturada com a terra de onde fora arrancada” (p. 165). G. H. nomeia o momento após o seu encontro com a barata como um contato com um passado pré-histórico por ela vivido e que, por seu caráter angustiante, fora recalcado. Assim, G. H. nos mostra que o retorno do recalcado não diz respeito a uma mera oposição entre familiar e infamiliar, mas que, a partir de uma ambivalência, ocorre uma passagem, uma travessia, uma transformação dos conteúdos inconscientes que alcançam a consciência, podendo reverberar na implicação do sujeito que experimenta tal passagem com o conteúdo que se desvela e irrompe diante do instante de ver, que nas palavras dela, resume: “O divino para mim é o real” (p. 167).

Considerações finais

Neste estudo buscamos escutar na narrativa de G. H. fragmentos que anunciam a experiência do infamiliar tal qual discutem Freud e Lacan.

Com Freud, apreendemos que esse fenômeno trata claramente do sentido estético do inconsciente. O que causa infamiliaridade não é o que está situado externamente ao sujeito, mas aquilo que nele pode haver de mais íntimo e, por alguma razão, retorna – ou seja, o sentimento de infamiliaridade ocasionado pelo retorno do recalcado.

Caminhando com Lacan em seu *Seminário 10: A angústia*, no que tange aos apontamentos da releitura de Freud sobre a temática, o autor ressalta sua convergência quanto ao retorno do recalcado. Porém, avança no que representa o infamiliar radical, mostrando o que está para além do retorno do recalcado. Nessa perspectiva é que Lacan nos traz a experiência com o infamiliar radical situada no encontro com o Real, com o insuportável, a angústia em seu ponto máximo desnudado pelo aparecimento do objeto *a* no lugar da falta, no momento em que o sujeito se identifica como objeto causa do desejo do Outro e perde sua autonomia.

Pelos fragmentos narrados ao longo da experiência de G. H., chegamos ao ponto nodal desta investigação: o efeito de vertigem, aquele que desampara e perturba, levando

à experiência do encontro com o infamiliar, com destaque ao retorno do recalcado com o sentimento de infamiliaridade trabalhado por Freud e o infamiliar radical com Lacan, considerarmos que a experiência da infamiliaridade evidencia a realidade psíquica e o possível desfalecimento de um corpo que se constitui pela linguagem, se articulando pela inscrição de palavras e identificações, e, quando faltam, em seu desamparo o sujeito perde sua autonomia.

Referências

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BLANCHOT, Maurice. **Uma voz vinda de outro lugar**. Tradução: Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BRANCO, Lúcia Castello. **Chão de letras**: as literaturas e a experiência da escrita. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1989.
- CARREIRA, Luciana Brandão. **Os tempos da escrita na obra de Clarice Lispector**: no litoral entre a literatura e a psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014.
- FÉDIDA, Pierre. **Nome, figura e memória**: a linguagem na situação psicanalítica. São Paulo: Escuta, 1992.
- FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia: (A) Psicanálise; (B) A teoria da libido (1923/1922). In: _____. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 253-274. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. O poeta e o fantasiar (1908). In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 34-42.
- FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In: _____. **O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 13-122. (Obras completas, 8).

- FREUD, Sigmund. O infamiliar (1919). In: _____. **O infamiliar [Das Unheimliche]**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 27-125.
- FREUD, Sigmund. Trecho do manuscrito N, anexo a uma carta a Fliess, de 31 de maio de 1896. In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 43-44.
- GOTLIB, Nádia Batella. **Clarice: uma vida que se conta**. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2013.
- IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica?. **Ágora: Revista Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v6n1/v6n1a07.pdf>. Acesso em: dez. 2021.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: A angústia** (1962-1963). Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** (1971). Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** (1964). Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- LLANSOL, Maria Gabriela. **Um falcão no punho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- PEQUENO DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2015.
- PEREIRA, Lucia Serrano. **O conto machadiano uma experiência de vertigem: ficção e psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2008.
- PONTALIS, J.-B.; MANGO, Edmundo Gómez. **Freud com os escritores**. Tradução: André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- PORTUGAL, Ana Maria. **O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- RABINOVICH, Diana. **A angústia e o desejo do Outro**. Tradução: André Luis de Oliveira Lopes. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Philosophie der Mytologie**. Munche: C. H. Beck, 1968, p. 515.
- SOLER, Colette. **Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário A angústia**, de Jacques Lacan. Tradução: Elynas Barros Lima, Lia Carneiro Silveira, Sonia Maria Coni Campos Magalhães. São Paulo: Escuta, 2012.

SOUZA, Alduísio M. de. **Transferência e interpretação** – ensaio clínico lacaniano.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TROCOLI, Flávia. **A inútil paixão do ser**: figurações do narrador moderno. Campinas:

Mercado das letras, 2015.

ABSTRACT

This paper analyzes the phenomenon of the unfamiliar from Freud and Lacan through the journey of the narrative voice of the protagonist in the novel “*A paixão segundo G. H.*” A passion according to G. H., by Clarice Lispector. The phenomenon of the unfamiliar indicates something important for the psychoanalytic experience and, considering the aesthetic field, apprehends, through the narrative discourse in literary writing, what appears in it as an effect of a psychic manifestation and what transcends that point, expanding the range possibilities for research and transmission of psychoanalysis. In this way, with the reading-listening of the narrative of the character G. H., we consider that the phenomenon of the unfamiliar appears in several fragments, revealing the presence of the return of the repressed with Freud and the encounter with the Real from Lacan, in which the cockroach stands out as a central object for the emergence of such events.

Keywords: Memory. Literature. Psychoanalysis. Unfamiliar. Passion according to G. H.

RESUMEN

Este artículo analiza el fenómeno de lo siniestro desde la perspectiva de Freud y Lacan a través de un recorrido por la voz narrativa de la protagonista de la novela *La pasión según G. H.*, de Clarice Lispector. El fenómeno de lo siniestro indica algo importante para la experiencia psicoanalítica y, considerando el campo estético, aprehende, a través del discurso narrativo en la escritura literaria, lo que se presenta en él como efecto de una manifestación psíquica y lo que trasciende tal punto, ampliando la gama de posibilidades de investigación y transmisión del psicoanálisis. De esa forma, con la lectura-escucha de la narrativa del personaje G. H., consideramos que el fenómeno lo siniestro aparece en diversos fragmentos, revelando la presencia del regreso de lo reprimido con Freud y el encuentro con lo real a partir de Lacan, donde la cucaracha se destaca como objeto central para la emergencia de tales acontecimientos.

Palabras clave: Literatura. Psicoanálisis. Lo siniestro. La pasión según G. H.

RÉSUMÉ

Cet article présente une analyse du phénomène l'inquiétante étrangeté chez Freud et chez Lacan à partir du discours de la protagoniste dans le récit *A paixão segundo G. H.* [La passion selon G. H., de Clarice Lispector. Le phénomène de l'inquiétante étrangeté montre une question importante à l'expérience psychanalytique, sans oublier le domaine esthétique, il saisit au-delà du récit littéraire, les points où ils se présentent comme effet d'une manifestation de la psyché et à quel moment ces points sont-ils dépassés. Par conséquent, l'investigation et la transmission de la psychanalyse peuvent parcourir d'autres possibilités et chemins de développement. En conclusion, à partir de la lecture et de l'écoute du récit du personnage G. H., on prend en compte que le phénomène d'étrangeté apparaît dans plusieurs extraits du texte. Cette observation apporte le retour du refoulement selon Freud et le rencontre avec le Réel chez Lacan, situation le quel le cafard est mis en scène comme un objet indispensable aux urgences de tels événements.

Mots clés: Littérature. Psychanalyse. L'inquiétante étrangeté. La passion selon G. H.

PRISCILA DOS SANTOS PEREIRA CARDOSO

Psicanalista.

Psicóloga.

Professora na Faculdade Estácio de Macapá/Amapá.

Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro.

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Pará –UFPA.

priscilapereira96@hotmail.com

Orcid: 0009-0004-2395-4090

BRENO FERREIRA PENA

Psicanalista.

Psicólogo.

Doutor e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Professor da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará – UFPA.

brenopena@hotmail.com

Orcid: 0000-0003-4485-3673

Citação:

CARDOSO, Priscila dos Santos Pereira; PENA, Breno Ferreira. G. H. e o infamiliar: uma experiência de vertigem. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 22.08.2023 / Aceito: 17.11.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

